

Ex-padre que será julgado em Timor-Leste tinha calendário para abusos

Agência Lusa, 21 Fev 2021 English translation on page 3.

As vítimas do ex-padre norte-americano que segunda-feira começa a ser julgado em Timor-Leste por abuso sexual de crianças no orfanato que liderava, no enclave de Oecusse sabiam, de antemão, quem tinha de estar, cada noite, com o homem. "Havia uma lista com os nomes das meninas na porta dele, por isso sabíamos que era a nossa vez. Todas as meninas tinham de ir lá. Não havia exceções", conta uma das vítimas, num dos poucos depoimentos sobre o caso conhecidos até hoje, divulgado pela organização Fokupers.

Richard Daschbach, hoje com 84, viveu décadas em Oecusse, liderando o orfanato de Topu Honis por onde passaram centenas de crianças e que contava até com o apoio de doadores internacionais. Na segunda-feira começa a ser julgado por abuso sexual de crianças, pornografia infantil e violência doméstica. Por trás da face humanitária e de solidariedade, que elevaram Daschbach ao estatuto de quase figura mítica na região e entre alguns dos seus apoiantes, havia abusos sexuais regulares a menores, a que só escapavam os meninos.

"Eu não sabia nada. E não perguntei nada. Fui com as outras. Naquela vez estávamos três meninas no quarto. E foi quando as coisas más aconteceram. E fiquei surpreendida que as meninas ficavam caladas. O pai nem precisava de nos ameaçar. Ficávamos caladas. Ninguém falava de nada", contou a jovem no depoimento divulgado hoje pela organização.

A jovem explica que o então padre -- a quem chama 'pai' - nunca dizia por palavras o que queria, mas sim por gestos, incluindo masturbação, sexo oral e toques, agarrando as meninas para mostrar o que queria que fizessem. "E tínhamos de fazer várias vezes. Pegava nas nossas mãos e punha-as no corpo e queria que o agarrássemos" nas suas partes privadas, disse a jovem. "Enquanto criança eu pensava que as partes privadas do pai não deviam estar na minha boca", disse a vítima, que não é identificada "para sua proteção".

Outra vítima, cujo depoimento foi divulgado pela publicação online timorense Neon Metin, confirma a natureza regular dos abusos e garante que as mulheres e homens do orfanato sabiam e que nenhuma menina escapava. As crianças descrevem que, no geral, eram bem cuidadas, especialmente quando contrastando com as situações que viviam na comunidade, e que no início havia paz e tranquilidade. Exceto ao final das tardes.

"Sentávamo-nos todos juntos para rezar, raparigas e rapazes. E alguém ficava ao colo dele. Depois de rezar alguns iam-se embora e a que se sentava no colo era a que ia passar a noite com ele no quarto e na cama. Na noite seguinte, haveria outra rapariga", conta. "As pessoas que trabalhavam no orfanato sabiam de tudo. Havia uma lista com os nossos nomes. Esta noite sou eu. Amanhã à noite era outra rapariga. Ou às vezes via-nos sentadas juntas e entrava e escolhia quem queria naquela noite. Ele próprio, o próprio padre, dizia 'esta noite dormes comigo'", contou a vítima.

Apesar da Topu Honis ser um orfanato, havia muitas crianças com pai e mãe acolhidas, uma forma de procurar melhores condições para as meninas que, em casa, não tinha comida ou as condições mínimas. "Os nossos pais não podiam pagar nada. E ele cuidou de nós. Então, quando estava a abusar de nós sexualmente, ficávamos caladas! Todas nós, raparigas, passámos por isso. Dormi com ele como mulher e marido", conta, descrevendo depois toques sexuais, sexo oral e penetração.

Às vezes, a situação repetia-se à tarde, ou quando algumas das crianças tomavam banho e, caso alguém não quisesse, eram "as senhoras do orfanato" que mandavam as crianças para o quarto. "As senhoras ficavam chateadas e diziam que tínhamos de dormir com ele porque durante as orações ele escolhia quem vai dormir com ele. Não gosto desta coisa má na minha vida". Quando o caso começou a ser conhecido publicamente, os rapazes do orfanato diziam que também sabiam do abuso que acontecia às meninas e chegaram a ameaçar bater a quem falasse.

"Ameaçaram bater-nos. É por isso que algumas das raparigas não falam porque têm medo de ser espancadas por homens", conta. "Sinto amargura e vergonha. Falo agora, publicamente, como um exemplo para as minhas irmãs mais novas. Se acontecer, não se escondam.

Espero que nos ajudem a todas a ter justiça", disse. Fontes conhecedoras do processo recordam que fazer avançar o caso foi mais fácil no Vaticano, que reagiu relativamente depressa e acabou por expulsar o padre do sacerdócio, do que no sistema de justiça timorense. Um compasso de espera que permitiu a Dashbach, já depois de ser condenado pela Santa Sé, continuar a viver livremente na mesma comunidade onde os abusos foram cometidos, a região de Kutete, a cerca de 25 quilómetros da capital do enclave, mas a "duas horas de tempo" de viagem, como se descrevem as distâncias na região.

Agora, depois de ser detido e de estar em prisão domiciliar, regressou a Oecusse para ser julgado. Dada a natureza do caso, o julgamento decorre à porta fechada, com o coletivo de três juízes a ouvir primeiro a leitura da acusação, pelo Ministério Público, antes de dar oportunidade a Daschbach para que faça uma declaração. A declaração, de culpa ou de inocência, ou o eventual silêncio, determinarão depois o andamento do processo.

Former priest to be tried in Timor-Leste had schedule for abuse

Agência Lusa, 21 Feb 2021

Unofficial translation by La'o Hamutuk

The victims of the ex-American priest who starts trial on Monday in Timor-Leste for sexual abuse of children in the orphanage he led, in the Oecusse enclave, knew in advance who had to be with him each night as a man. "There was a list of the girls' names on his door, so we knew it was our turn. All the girls had to go there. There were no exceptions," says one of the victims, in one of the few testimonies about the case known to date, released by the Fokupers organization.

Richard Daschbach, now 84, has lived in Oecusse for decades, leading the Topu Honis orphanage where hundreds of children have passed through, which has been supported by international donors. On Monday he starts to stand trial for child sexual abuse, child pornography and domestic violence.

Behind the humanitarian and solidarity face, which elevated Daschbach to the status of almost mythical figure in the region and among some of his supporters, there was regular sexual abuse of minors, which only boys escaped.

"I didn't know anything. And I didn't ask anything. I went with the others. That time we were three girls in the room. And that was when the bad things happened. And I was surprised that the girls were silent. Dad didn't even need to threaten us. Nobody talked about anything", said the young woman in the statement released today by the organization.

The young woman explains that the then priest - whom she calls 'father' - never said in words what he wanted, but in gestures, including masturbation, oral sex and touching, grabbing the girls to show what he wanted them to do. "And we had to do it several times. He took our hands and put them on his body and wanted us to grab him" in his private parts, said the young woman. "As a child I thought that the father's private parts shouldn't be in my mouth," said the victim, who is not identified "for her protection."

Another victim, whose testimony was released by the Timorese online publication *Neon Metin*, confirms the regular nature of the abuses and ensures that the women and men at the orphanage knew and that no girl escaped. The children describe that, in general, they were well taken care of, especially when contrasting with the situations they lived in the community, and that in the beginning there was peace and tranquility. Except in the late afternoons.

"We all sat together to pray, girls and boys. And someone would stay on his lap. After praying, some would leave and the one who sat on his lap was the one who was going to spend the night with him in his room and in bed. The next night, there would be another girl", she says. "The people who worked at the orphanage knew everything. There was a list with our names. Tonight it's me. Tomorrow night, it was another girl. Or sometimes he would see us sitting together and come in and choose who he wanted that night, the priest himself, said 'you sleep with me tonight'," said the victim.

Despite Topu Honis being an orphanage, there were many children with a father and mother who were welcomed there, a way of looking for better conditions for girls who, at home, had no food or the minimum conditions. "Our parents couldn't afford anything. And he took care of us. So when he was sexually abusing us, we kept quiet! All of us girls went through this. I slept with him as a wife and husband," she says, describing later sexual touches, oral sex and penetration.

Sometimes the situation was repeated in the afternoon, or when some of the children were showering and, in case someone didn't want to, it was "the ladies from the orphanage" who sent the children to their room. "The ladies were upset and said that we had to sleep with him because during the prayers he chose who will sleep with him. I don't like this bad thing in my life." When the case began to be publicly known, the boys at the orphanage said that they also knew about the abuse that happened to the girls and were threatened with beating if anyone spoke out.

"They threatened to beat us. That is why some of the girls do not speak because they are afraid of being beaten by men," she says. "I feel bitterness and shame. I speak now, publicly, as an example for my younger sisters. If it happens, don't hide.

"I hope they will help us all to have justice", he said. Sources familiar with the process recall that moving the case forward was easier in the Vatican, which reacted relatively quickly and ended up expelling the priest from the priesthood, than in the Timorese justice system. A waiting compass that allowed Daschbach, even after being condemned by the Holy See, to continue to live freely in the same community where the abuses were committed, the Kutete region, about 25 kilometers from the capital of the enclave, but "two hours of travel time", as distances in the region are described.

Now, after being arrested and under house arrest, he returned to Oecusse to stand trial. Given the nature of the case, the trial takes place behind closed doors, with the panel of three judges listening first to the prosecution's reading by the prosecutor's office before giving Daschbach an opportunity to make a statement. The declaration, of guilt or innocence, or the eventual silence, will later determine the progress of the process.